

parte carente de cuidados: ora a determinação (será mesmo determinação a?) expõe-se como ideologia, ora como miríades de ideologias ("aceitação de um pensamento autoritário"), ora ainda se expõe como mudança sócio-econômica (industrialização, urbanização...). A despeito de o "processo histórico" surgir antes como fatos históricos e não como processo, os espíritos abençoados bem que poderiam fechar o livro neste passo relativo à "Educação Física e Processo Histórico", definindo articuladamente as determinações da área.

O livro contribui de fato para os estudos da Educação Física, ao analisar criticamente a "asépsia social" do higienismo, a rigidez do militarismo, o redentorismo do pedagógico e o atletismo heróico do competitivista. As partes finais (intituladas "Educação Física: da que não temos para a que queremos" e "O professor de Educação Física como intelectual: Indicações para uma Educação Física crítico-social dos conteúdos") contorcem-se em inconsistência metodológica e em vagas formulações.

Paulo Ghiraldelli Júnior anuncia: "Uma vez esboçado esse quadro classificatório sobre as tendências e correntes da Educação Física brasileira", ... Tem-se então "quadro classificatório"? Como se dá esta crítica-social dos conteúdos, por classificação? Os conceitos de processo, de história e de sociedade, em exame classificatório, estão explícitos no texto? Têm substância progressista? Mais conceitos obscurecem a obra. Veja-se, por exemplo, a passagem: "Mas, ao descobrirmos o profissional da Educação Física como intelectual, resgatamos uma segunda questão: o que é um intelectual?" Descobre-se o profissional como intelectual? E depois se esclarece o que é intelectual?

Torna-se penoso encontrar a base teórica da Educação Física Popular, e Paulo Ghiraldelli Júnior "também deseja ultrapassá-la e superá-la". Adotando "uma determinada classificação" e louvando-se em respeitável fonte, distingue cultura universitária, cultura criadora extra-universitária, cultura de massas e cultura popular. E afirma: "A cultura criadora extra-universitária é dispersa, descontínua e mais mesclada com a psicologia popular. É a cultura produzida por artistas, dramaturgos, escritores, cineastas etc., não necessariamente vinculados à universidade". Diante disto, só nos resta pedir que Bach, Wagner, Racine, Tolstoi, Mann não nos ouçam. Que Machado de Assis e Graciliano Ramos nos perdoem.

Evaldo Vieira

L'OEUF TRANSPARENT
JACQUES TESTART
Paris, Flammarion, 1986
(Collection Champs)

Jacques Testart é o "pai" do primeiro bebê de proveta francês. Como pesquisador na área de reprodução e genética, analisa como o campo do possível vem se alastrando através do desenvolvimento de novas técnicas, tais como: fecundação *in vitro*, congelamento de embriões, duplicação artificial de ovos segmentados, diagnóstico e correção genética, fecundação do óvulo pelo óvulo, autoprocriação feminina, banco de tecidos, gravidez masculina e gestação no animal.

Dessas novas técnicas, algumas já se tornaram realidade, como a fecundação *in vitro*; outras estão em fase de testes com animais, como a correção genética; e outras estão na mente dos pesquisadores com possibilidade de viabilização, como a gravidez masculina. Enquanto a ciência não é totalmente capaz de manipular o genoma humano, o autor levanta questões sobre o desenvolvimento da ciência do ponto de vista ético, filosófico, psicológico e social, chegando à contestação da própria noção de progresso. Propõe uma reflexão global sobre o sentido do desenvolvimento científico para a história e para a vida cotidiana das pessoas.

"Os germes do homem-macho e do homem-fêmea transitam dentro de vasos transparentes. O ovo é também transparente (p.29). O controle prévio de identidade dos novos seres suscita preocupações, pois conhecer equivale a escolher, e ao mesmo tempo intervir", afirma o autor. Testart reivindica uma parada para reflexão, a fim de que a comunidade científica se interrogue sobre a validade dos próprios projetos e o sentido desse progresso que se impõe como obrigação sem se questionar o porquê.

"A medicina escapa às humanidades para ganhar em eficácia técnica" (p. 103). Cada vez mais assistimos a uma inflação de artifícios que se justificam pela ideologia comum do progresso terapêutico.

Nossa dependência dos médicos é cada vez maior. Somos pacientes em potencial. O lado humano, social e psicológico da questão é sempre submetido a uma lógica "científica", que não questiona em que medida a prática médica melhora ou agrava certos problemas.

O progresso possibilita a escolha do filho desejado, como num canil, e o mistério do desconhecido vai lentamente desaparecendo. Nessa nova fase de procriação, a fecundação *in vitro*, amor e sexo se dissociam; no entanto, não existe preocupação com essas novas identidades assim concebidas.

A fecundação *in vitro* é ainda uma atividade ilegal, no sentido de que não há nenhuma disposição oficial que regularize essa prática, nem mesmo um estatuto do ovo congelado. Quem é esse ser morto em promessa de vida? Ninguém se responsabiliza. A inércia administrativa apóia-se no corpo médico, que se opõe a qualquer tentativa de limitar sua liberdade de ação. Testart é a favor do desenvolvimento de um poder ético, nascido do consenso, que regularize essa situação através do poder político.

A técnica da fecundação *in vitro* integra-se no desenvolvimento global da sociedade, materializando-se como mercadoria. Desta forma a ciência se associa à política e à economia. O autor vê como necessária uma reflexão multidisciplinar sobre o sentido da produção científica, propondo que os pesquisadores estabeleçam limites para cada inovação. É a ética da não-pesquisa, a lógica da não-descoberta.

O progresso tem valor de obrigação. Para o autor, somente se consideram como progresso "as inovações que

não nos fazem débeis" (p. 152). É necessário inventar um contra-poder, um controle exercido pelos utilizadores. Esse controle social não pode mais se exercer ao nível de aplicação das pesquisas, onde a ética se restringe ao trabalho de pesquisa, é preciso que a sociedade possa controlar a produção das mesmas, avaliando sua importância para o desenvolvimento global do ser humano.

O progresso traz o risco de decidir um futuro diferente, do qual se conhecem as consequências; por isso mesmo, é preciso repensá-lo. Nesse sentido, o estabelecimento de limites através da ética possibilita que haja uma harmonia entre o homem de hoje e seu fantasma de amanhã.

O autor, revelando em que estágio do desenvolvimento se encontra a engenharia genética na área de reprodução humana, mostra criticamente sua posição, informando porque decidiu parar a pesquisa, que abre uma mudança radical na pessoa humana. Trata-se de livro importante, na medida em que provoca o leitor, levando-o a se questionar sobre a ciência e o progresso. Testart conclama, como única chance de nos apropriarmos do sentido da história, para um voluntarismo multinacional, um tipo de ecumenismo das inteligências, convergindo para a não-proliferação daquelas pesquisas que achem a possibilidade de mudanças radicais. Apesar de este ser um apelo um pouco utópico, o primeiro passo foi dado, através de seu livro.

Denise Martin